

Como citar: VIERA, Cindye Esquivel. *Drummond: um rastro de História*. In: Revista Digital Simonsen. Rio de Janeiro, n.3, Nov. 2015. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>

História

DRUMMOND: UM RASTRO DE HISTÓRIA.

Por: Cindye Esquivel Vieira¹

*As atitudes inefáveis,
os inexprimíveis delíquios,
êxtases, espasmos, beatitudes
não são possíveis no Brasil.
(DRUMMOND, 1930. Fuga.)*

Dizia Carlos Drummond de Andrade em “Fuga”. Se naquele tempo a referência era para padrões culturais europeus, o passar do tempo expandiria sua crítica para âmbitos muito mais vastos. Drummond não deve ser visto apenas como um poeta à frente do seu tempo e tampouco suas obras, apenas, como reflexo da sociedade à qual pertencia. Sua obra, além de um deleite, permite concluir que se cedermos crédito para as produções sociais, iremos estar com fontes nas mãos, não só uma poesia, não só uma obra literária. A construção poética

ultrapassa o alcance do discurso histórico, que é caracterizado pela documentação e cronologia. O discurso poético permite que sintamos o momento histórico, permite que o fatídico se mescle às emoções coletivas.

O Governo Provisório (1930 -1934) se findava. A candidatura de Vargas se consolidava desde Novembro de 1930 quando consegue exercer o poder executivo e também alcança autonomia legislativa. Os diferentes grupos da Revolução de 30 tinham tido suas preces atendidas. Mesmo antes do

¹ Graduanda em Licenciatura em História pelas Faculdades Integradas Simonsen, Bolsista do Programa de Iniciação Científica das FIS e membro pesquisadora do GELHIS (Grupo de Estudos da Licenciatura em História). cindyesquivel_vieira@hotmail.com

desdobramento histórico, o desdobramento poético já se antecipava:

*“Um novo, claro Brasil
Surge, indeciso, da pólvora.
Meu Deus, tomai conta de nós.
[...]
Deus vela o sono e o sonho dos brasileiros.
Mas eles acordam e brigam de novo.”*
(DRUMMOND, 1930. Outubro 1930)

A revolução de 30 de findava com sucesso Varguista e a promessa de um novo Código Eleitoral veio em 1932, as eleições para Assembleia Constituinte foram em 1933, a nova Constituição em 1934 e Getúlio Vargas é eleito até 1938. Um misto de exaltação e repúdio pairava em nossa delicada situação política. Vargas começava as transformações que mudariam irreversivelmente o prumo político nos próximos anos, sagazmente, Drummond descreve sua política literária:

*“O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.*

*Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.”*
(DRUMMOND, 1930. Política Literária)

Em um verdadeiro malabarismo de uma única mão, Vargas “não tardou em demonstrar extraordinária capacidade para unir facções políticas rivais”, com a sua garantia de posto, a censura se afrouxa e surge a ocasião propícia para reações. Sob essa cena, Drummond escreve:

*“Soldado sem experiência,
que lindo campo de papoulas
e você dançando sem dólmã
nas pupilas de Chiquinha Gomes,
sem dólmã, sem alma, simples
como um disco.*

*Ora viva seu comandante
com sua cara de barbante
e seu nariz de pedante
levando surras da amante
e gritando: Viva a República.*

*Mas sobre exércitos e frotas
a mão que distribui brinquedos
vai colorindo novas formas.”*
(DRUMMOND, 1934. Grande homem, pequeno soldado)

A Literatura e a crítica que antes caminhavam de forma disfarçada, agora sorriam sem discrição. “Aquele vulto que parecia vazio de sentido começa a ter voz, até mais de uma voz, vozes. Quem tem ouvidos, ouça!” . A poesia toma forma de protesto e Drummond não se cala:

*“Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; Nossos erros
também.*

*[...]
Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão
despropositado,
ele quer repousar de nossos terríveis
carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o
Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os
brasileiros? ”*

(DRUMMOND, 1934. Hino Nacional)

Já em 1935 o resultado da intensa manipulação varguista começa a dar sinais. Radicais à direita, “subversivos” à esquerda. Era o prelúdio do que explodiria dois anos

depois. Sob pretexto de conter ameaça comunista, uma lei de Segurança Nacional aprova a repressão de atitudes políticas que fossem subversivas. O maquinário político começava a fechar o cerco.

Desde a última publicação, em 1934, o panorama nacional e pessoal em muito tinham mudado. O poeta agora residia no Rio de Janeiro, onde trabalhava no Ministério da Educação e como colaborador, já o país, tinha uma nova constituição (1937), as eleições de 1938 teriam sido suspensas em 1937 por conta do golpe de Estado de 10/11/1937 e o Brasil caminhava sob trilhos ditatoriais no Estado Novo (1937 – 1945). Partidos extintos tanto à direita quanto à esquerda de Getúlio Vargas, seus antigos aliados integralistas executam um atentado que serviria somente para dar à Vargas um embasamento (assim como já tinha sido feito com o golpe comunista 3 anos antes) para caçar seus líderes. O Estado Novo se formula em torno à personalidade do presidente.

O incômodo foi em larga escala. Se a inquietude pairava sob os próprios aliados de Vargas, as inquietações poéticas levaram Drummond a escrever. À essa altura, em Maio de 1940, a imprensa exaltava a força da escrita nacional. Sob palavras de Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade, e outros autores, são postos na mira de holofotes:

“Nunca o Brasil se sentiu tão brasileiro – tão coeso no seu brasileirismo. E esse sentimento de coesão brasileira não resulta de nenhuma campanha cívica, de nenhum movimento nacionalista, de nenhum fato político: resulta de termos atingido uma fase de literatura vital.”²

O caráter literário trazia a energia necessária para, muito mais que resistir, dar voz ao povo do qual pertence. Drummond não reflete a sociedade, ele a externa. Ele interage com a sociedade ao mesmo passo que o inverso ocorre, “a poesia devolveu corpo e alma, forma e nome ao que a máquina social já dera por perdido”.

“Sentimento do Mundo” só seria publicado em 1940 e foi dotado de um teor mais voltado aos acontecimentos do mundo e também ligado a seus infernos particulares. O poeta sangrava junto com o mundo caótico ao qual pertencia:

*“Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
Porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.”*

(DRUMMOND, 1940. *Elegia 1938*)

O panorama nacional e mundial só se agravava cada vez mais. A II Guerra Mundial, que assolava outras fronteiras, agora batia à nossa porta. O poeta já não se calava pelos tormentos além mar:

*“Meus olhos são pequenos para ver
países mutilados como troncos,
proibidos de viver, mas em que a vida*

² FREYRE, 1940. *Correio da manhã*, p.2

*lateja subterrânea e vingadora.
Meus olhos são pequenos para ver
as mãos que se hão de erguer, os gritos
roucos,
os rios desatados, e os poderes
ilimitados mais que todos exército.”
(DRUMMOND, 1945. Visão 1944)*

Agora, o chamado era geral:

*“Essa cidade oculta em mil cidades,
trabalhadores do mundo, reuni-vos
para esmagá-los, vós que penetrais
com o russo em Berlim”
(DRUMMOND, 1945. Com o russo em
Berlim)*

Nossa entrada em 1942 não passou despercebida aos olhos críticos do poeta. A vitória na Guerra não bastava, muito havia a ser dito e reconquistado. Se antes o incômodo pairava sobre seus escritos, agora era a hora de ressentir. Familiaridades estrangeiras arrematavam o que o pós-guerra não restituiu, mais uma vez, Drummond se externa:

*“Para dizer-te como os brasileiros te amam
e que nisso, como em tudo mais, nossa gente
se parece
com qualquer gente do mundo – inclusive os
pequenos judeus
de bengalíha e chapéu-coco, sapatos
compridos, olhos melancólicos,
vagabundos que o mundo repeliu, mas
zombam e vivem
nos filmes, nas ruas tortas com tabuletas:
Fábrica, Barbeiro, Polícia,
e vencem a fome, iludem a brutalidade,
prolongam o amor
como um segredo dito no ouvido de um
homem do povo caído na rua.”
(DRUMMOND, 1945. Canto ao homem
do povo Charlie Chaplin)*

Em 29 de Março de 1945, o Correio da Manhã transpirava anistia. Na página 16, “Março de 1945” saltava sob assinatura de Carlos Drummond de Andrade, ao lado de mais duas publicações em letras garrafais : “A Anistia do Senhor Getúlio Vargas” e “Em favor da Anistia Ampla”. Assim como os jornais, as poesias ficavam mais eufóricas.

*“Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.*

*Uma flor nasceu na rua!
Passem bem longe, bondes, ônibus, rio de
aço do tráfego.
Ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os
negócios,
garanto que uma flor nasceu.”
(DRUMMOND, 1945. A flor e a náusea)*

A flor nasceu e Vargas cedia. Vieram as eleições e a candidatura do General Eurico Dutra ³. Ainda haveriam fardas no poder mas um novo fôlego era necessário. Mais uma vez, Drummond nos elucida com suas palavras e nos remete a um novo capítulo:

*“Sento-me no chão da capital do país às
cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma
insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças
avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar,
galinhas em pânico.*

³ Partido Social Democrata – PSD.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”
(DRUMMOND, 1945. “A flor e a náusea”)

Como o exposto, a poesia não imita, ela participa do seu meio. Assim como Robert Darnton nos permitiu compreender, o fomento de cultura (por meio do *L'exil de M. Maurepa*⁴) é uma forma de protesto que está suscetível a uma proliferação rápida e eficaz onde, nem mesmo com todo o esforço da operação *L’Affaire des Quatorze*⁵ foi possível chegar à origem de sua produção e por conseguinte, a poesia teve êxito no seu uso como arma crítica perante o governo imposto. O que traz a possibilidade de fazer e pensar o mesmo com as poesias drummondianas em um contexto em que turbilhões de manobras políticas passaram sem claros contrapontos críticos. O poeta, o homem, o pai, o político se arremataram em uma só voz, um só discurso emanado de um homem atuante e não alheio ao que se passava. Era Drummond externando inconformidades coletivas sob sua assinatura.

Assim como Peter Burke explicita, “estamos a caminho da História cultural de tudo”⁶, isso porque a cultura surge como forma de inquietação. Surge como resposta às velhas questões que já não agradam mais. Jogamos uma espécie de Guerra Cultural⁷ onde a todo o momento trocamos os peões do jogo,

contudo, o escopo será sempre o mesmo: reagir. O autor acentua o valor do povo falando de si mesmo, logo, quão valioso será um poeta falando de seu país, de sua política, de suas mazelas enquanto nação? Tais narrativas “oferecem pistas importantes para um mundo em que foram contadas”⁸ e para a sociedade à qual pertence.

Enquanto Historiadores, o foco de análise será não só o homem, e sim o homem e suas transformações no decorrer de um período de tempo, buscando questionar o que foi desenvolvido nesse enlace. E por que, então, não questionar a figura do poeta? Por que não problematizar as motivações para sua escrita em constante mutação? São inúmeras as problemáticas que merecem uma observação de cunho histórico. Tudo possui uma História e a História que nos cabe enquanto historiadores será aquela veiculada às interações humanas e o seu desenrolar, que jamais será hirta. Dito isso, a poesia sendo uma produção, traz consigo o teor e caracteres de análise, afinal, “será possível negar que haja, como no tato das mãos, um das palavras?”⁹

Alfredo Bosi questiona se a poesia é ainda necessária, de forma muito clara, o autor nos mostra que a mesma nos traz voz. A comodidade de ficar inerte é sufocada pela

⁴ Poema de origem desconhecida que movimentou enorme contingente policial parisiense na primavera de 1749 devido ao seu teor pejorativo direcionado a Luís XV.

⁵ Nome da operação de busca pelo autor do poema vexatório.

⁶ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* P. 46.

⁷ Idem, P. 135.

⁸ Ibidem, P. 158.

⁹ BLOCH, Marc. *Apologia da História*. P. 55.

necessidade de bradar. A poesia resulta da vontade de não mais se calar, nos remete a externar insatisfações. Só há História se houver movimento e a mútua troca entre o sujeito e o objeto é o que caracteriza a voz do poeta, ele não é alheio ao que escreve, muito o oposto, ele é integrante do meio. Bosi remete também à discussão do limite da literatura e em como essa fronteira deve ser derrubada, possibilitando que “o histórico entre para o literário e o literário entre para o histórico”¹⁰, ou seja, são áreas que não somente dialogam, são análogas.

Já com Barthes, concluimos que toda e qualquer sociedade guia sua História através da narrativa que faz de si mesma. “Não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa”¹¹. Como negar então, o valor histórico da poesia de Drummond sendo elas uma narrativa referente à uma fase vivida? Seus escritos não são pensamentos inertes organizados, meramente, de forma agradável de se ler. Drummond poetiza por andar e pertencer à cidade, “a cidade é uma escrita”¹² e o vislumbre do poeta a lê e mais que ler, adiciona versos.

*“Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os
homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que
eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os
homens.
A rua é menor que o mundo.*

*O mundo é grande.”
(DRUMMOND, 1940. “Mundo Grande”)*

Os homens estão lá fora e a História também. A “cidade” de Barthes é diferente da de Drummond mas não podemos dizer que são mudas. O poeta escreveu o que a cidade transpirava e o que ele lia mediante a narrativa gritada das ruas as quais pertencia.

O discurso histórico em Paul Ricoeur salienta que o texto permite uma interação do leitor, da realidade exposta e a apropriação seletiva daquilo que de fato se aplica ao ritual rotineiro de quem lê. José Carlos Reis, sobre Ricoeur, escreve que “a intriga agencia os fatos dispersos em um sistema, é uma composição, uma produção, uma atividade, uma construção do poeta, que unifica a dispersão da experiência”¹³, com isso, concluimos que é o teor poético da escrita que permite ao leitor a familiaridade com a sua realidade nacional, ao mesmo passo que obras meramente narrativas fazem, contudo, a estrutura poética permite não só a proximidade com a temática, mas também uma reflexão sentida da mesma.

A poesia e a História permeiam o mesmo território. Jogam o mesmo jogo com estratégias diferentes. A História alcançou o êxito de nos contar sobre a Era Vargas, porém, com a ajuda literária, somos capazes de sentir a Era Vargas. Somos capazes de ler as ruas, o cotidiano e a cidade. Os versos soltos de

¹⁰ Idem, p. 227.

¹¹ BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. P. 104.

¹² Idem, p. 228.

¹³ REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. P. 70.

diferentes cidadãos se aglutinam numa só poesia torta, mas vivenciada. A sensibilidade do poeta interage com a sagacidade do historiador. O aspecto poético não extermina o histórico, eles coexistem além das entrelinhas, ocupando um espaço privilegiado de conhecimento e emoção, que pertencem a qualquer homem. Seja ele poeta ou historiador.

Conclusão

Busquei mostrar que nossa sociedade tem muito a dizer. Dito: sociedade. Não só elite, não só governo, não só Estado. Ao cedermos crédito para produções sociais, expandimos a mente para enxergar além do que está escrito. O olhar do historiador permite a sensibilidade de ver além do que consta no documento. Compreender seu plano de fundo traz a possibilidade de análise mais completa, abarcando aspectos subjetivos, políticos, sociais e culturais. Permite que vejamos a poesia como algo além de uma externalização individual, ela concede a crítica de um período o qual não se tinha tantas ferramentas para ser crítico e mostra que a Literatura e a crítica caminham em um mesmo passo.

Deixando claro assim, que é importante realizar uma leitura da sociedade de forma abrangente e evidenciar que o estudo de um período quando é visto pontualmente de um viés inusitado, tem o poder de falar muito mais do que se espera. É preciso que os olhos do

historiador se abram para leituras que não, necessariamente, aparecerão no papel documental, resultando em ilações mais diferenciadas positivamente.

*Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem.*

(DRUMMOND, 1945. *Cidade Prevista*)

Referências

Fontes Primárias:

- A anistia do senhor Getulio Vargas. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1945, p. 16.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Minas Gerais: Edições Pindorama, 1930.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Brejo das almas*. Minas Gerais: Os Amigos do Livro, 1933.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Meditação do eleitor 3144, *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 16 out. 1945, p.3.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de março de 45, *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1945, p. 16.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro, 1940.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Onde está a “gestapo” literária, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1944, p.33.
- COMO foi recebido o aparecimento de “Tribuna Popular”. *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 24 mai. 1945, p. 4.
- EM favor da anistia ampla: movimentam-se jornalistas e profissionais do rádio. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1945, p.16.
- FREYRE, Gilberto. Literatura Vital, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1940, p. 2.

LINS, Alvaro. Crítica literária: Problemas e figuras da poesia moderna, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1941, p. 2.

UNIÃO dos trabalhadores intelectuais. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 mar. 1945, p. 12.

Fontes Secundárias:

BARTHES, Roland. *A Aventura Semiológica*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSI, Alfredo. *Entre a Literatura e a História*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DARNTON, Robert. *Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DOSSE, François. *A História*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

JOBIM, José Luís. *Introdução aos termos literários*. 1ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006.

NETO, Lira. *Getúlio*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REIS, José Carlos. *Teoria & História: tempo histórico, História do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.